Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília **Class.:** Org. Ind. Lideranças

Data: 03.01.88 **Pg.:** 146

Planta e povo da Amazônia em novas pesquisas

A necessidade de que se promova uma ocupação racional da Amazônia, que garanta a preservação de suas riquezas, mesmo que o homem desfrute delas, move a equipe que parte no próximo dia 6, em expedição ao longo do rio Negro, patrocinada pela Universidade de Brasília.

Durante um mês, quatro pessoas — o sociólogo rural Argemiro Procópio, 38 anos, coordenador da pós-graduação do Departamento de Relações Internacionais; e os estudantes Rodrigo Studart Correa (agronomia), Sérgio Borges (agronomia) e Fábio Caffela (engenharia florestal), todos com 22 anos — vão percorrer a marginal do rio Negro no sentido da fronteira com a Venezuela, de Manaus a Maturacá. É uma região de difícil acesso e que, ao que tudo indica, ainda não foi alvo do interesse crescente da comunidade acadêmica estrangeira — assídua pesquisadora da Amazônia.

Na área , São Gabriel da Cachoeira, a 900 quilômetros de Manaus, começa agora a ser ocupada por garimpeiros de ouro. Além desses, há apenas caboclos, padres salesianos e os índios Yanomami. O interesse do projeto «Planta e Povo na Amazônia» abrange o estudo da botânica, engenharia florestal, geologia, biologia, economia e sociologia. O objetivo é propor fórmulas conciliatórias de convívio entre homem e floresta. «É preciso que saibamos as maneiras pelas quais o homem pode tirar o maior proveito da floresta sem destruí-la» segundo Procópio. Ele ressalta outro aspecto importante da expedição, que parte para fazer um levantamento preliminar: estimular o sentimento de brasilidade.

«O Brasil é um país de muitas diversidades, mas existem aspectos que são verdadeiros milagres. A língua portuguesa, por exemplo, é falada do extremo Norte ao extremo Sul e representa uma unidade — é o amálgama do país, impede o seu esfacelamento. Mas se o Brasil não ocupar de forma efetiva a Amazônia, ela pode ser perdida, porque é cobiçada pelo mundo todo e isso não é um jargão ecológico sem sentido».

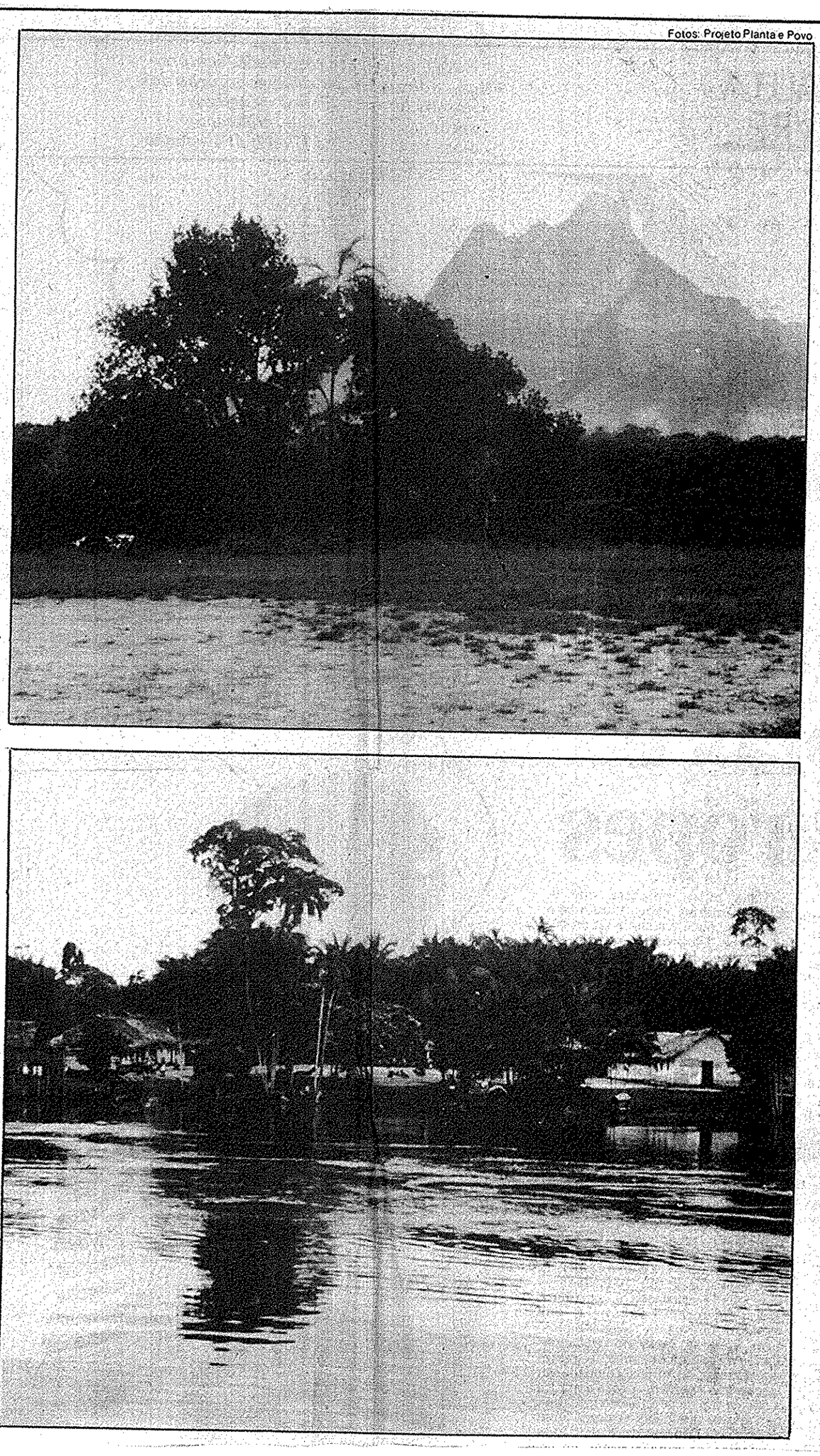
Dentro desse prisma, a expedição pretende, por exemplo, estudar a formação da mentalidade das populações amazônicas, sob o binômio «cruz e espada». É que dentro do isolamento da floresta, o caboclo convive apenas com as missões religiosas e os batalhões do Exército, e a equipe acredita que isso molde uma característica incomum no homem da floresta.

A iniciativa da expedição está no bojo da proposta do reitor Cristovam Buarque de levar a UnB até a comunidade. E Procópio se queixa do desinteresse das universidades brasileiras pela Região Amazônica. «A comunidade acadêmica brasileira não investe na região e qualquer projeto a ser desenvolvido lá esbarra em muitas dificuldades. O pesquisador estrangeiro chega a ser mais bem tratado do que nós, pelos próprios órgãos oficiais. O funcionário acostumou-se a achar que o estrangeiro é mais capaz».

Rodrigo Studart, que vai dedicar-se especialmente ao levantamento botânico, lamenta que o Museu Botânico de Nova Iorque tenha registradas mais espécies amazônicas que qualquer museu ou herbário brasileiro. Ele condena também a forma predatória com que o ciclo do ouro está se dando na região. «Argemiro Procópio lembra que, em Minas Gerais, a mineração aconteceu com o assentamento do homem à terra. «Naquela ocasião, ficou Ouro Preto, hoje só ficam crateras».

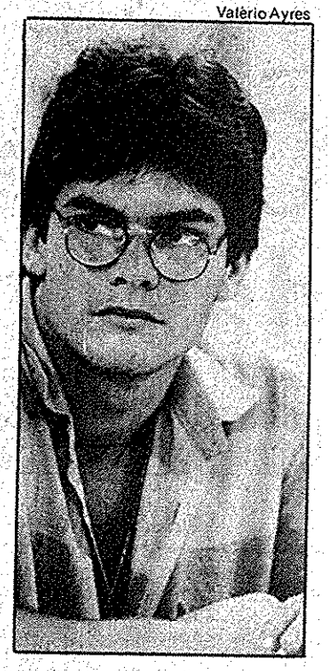
O projeto todo vai durar três anos, e terá como ponto importante o levantamento de substâncias e plantas utilizadas na indústria farmacêutica — «colhidas ali e processadas no exterior, em remédios pelos quais pagamos uma fortuna» Para esta primeira fase, a UnB arcou com as despesas de passagem — aproximadamente Cz$ 100 mil, e diárias de Cz$ 20 mil para cada um. O equipamento e remédios vai correr por conta da equipe, segundo Rodrigo: «Vamos levar nossa contribuição, também, é preciso que as pessoas da região compreendam a riqueza com a qual convivem».

Fotos: Projeto Planta e Povo



Valério Ayres

Valério Ayres



● *Durante um mês quatro pessoas vão percorrer a marginal do Rio Negro, no sentido da fronteira com a Venezuela, Manaus e Maturacá. São eles: Argemiro Procópio (acima), Sérgio Borges, (em baixo), Fábio Caffela e Rodrigo Studart Correa. A expedição tem início dia 6 de janeiro e vai pesquisar uma região de difícil acesso, mas que começa a ser ocupada por garimpeiros de ouro*